

Letrário**editora*

Quando não se sabe o que dizer

Paulo Kellerman

Junho 2008



EU: Cansada?

ELA (*suspirando*): Sim, cansada. Não sei como explicar de outra forma. (*Pausa breve.*) Cansada, simplesmente.

EU: Mas de quê?

ELA (*sorrindo*): Acho que de tudo. (*Fecha os olhos durante um instante; volta a abri-los e olha-me, desviando o olhar quando constata que a observo. Sorri, talvez envergonhada.*) Da minha vida, sei lá.

EU (*desviando o olhar, dando-lhe espaço; tentando ganhar tempo*): Dá-me exemplos. (*Pausa breve.*) O teu marido, por exemplo?

ELA (*um pouco surpreendida com a minha questão, com a sua resposta*): Claro.

EU (*tom neutro*): Há quantos anos estão juntos?

ELA (*depois de uma hesitação*): Onze. (*Pausa breve.*) Doze, treze. (*Pausa breve.*) Não sei, talvez mais. (*Sorri.*) E não te parece sintomática, esta hesitação? Não sei mesmo quantos anos, deixei de contar há muito tempo. Estamos juntos desde sempre, é o que parece. (*Passa o olhar pelo meu rosto, tentando aferir a minha reacção às suas palavras.*) Uma vida inteira.

EU (*sorrindo*): Suponho que seja sempre assim. Com toda a gente.

ELA (*levemente agressiva*): Contigo?

EU (*disfarçando o incômodo*): Suponho que sim. Claro. (*Pausa breve.*) Mas o amor não tem nada a ver com o tempo, com a contagem dos dias, dos meses. Não achas?

ELA (*rindo*): Pois, o amor. (*Olha para um ponto indefinido, para o vazio, repentinamente distante; passa a mão pelo cabelo. Olho o seu rosto com atenção, identificando os sinais da passagem do tempo, tentando convencer-me de que ainda é uma mulher bonita; pergunto-me há quantos anos já nos conhecemos.*) Quando não se sabe o que dizer, acaba-se sempre a falar de amor. (*Pausa breve.*) Ou do tempo. (*E ri.*)

EU (*surpreendido e incomodado com a sua agressividade, irritado por não a conseguir disfarçar*): Que queres dizer com isso?

ELA (*abanando a cabeça, olhando-me e desviando o olhar; suponho que um pouco decepcionada comigo*): Nada. Sei lá o que estou a dizer.

(*Fecha os olhos e respira fundo, retendo o ar; depois expira, muito devagarinho.*)

EU (*num tom hesitante, quase receoso*): Já não o amas?

ELA (*com sobranceira*): Claro que não. (*Pausa breve.*) Achas que é possível amar uma pessoa durante dez anos seguidos? Ou doze ou quinze ou lá o que é?

EU (*fugindo ao seu olhar interrogador*): Acho.

ELA (*sorrindo*): Eu não. (*Pausa breve.*) Quero dizer, não penso em separações nem nada disso. (*Num tom hesitante, muito baixo.*) Acho que nem seria capaz de viver sem ele.

EU (*interessado*): Mas já pensaste nisso?

ELA: Claro que sim. (*Num tom contrariado.*) Mas não seria capaz; ou não me apetece, sei lá. Por vezes ponho-me a pensar em como seria começar tudo de novo, noutra sítio qualquer, com outra pessoa, e arrepio-me toda. (*Pausa breve.*) Não seria capaz. Não tenho energia nem ânimo nem vontade. Nem sequer curiosidade.

EU: Não estás bem mas não queres mudar. Isso é um bocado idiota, não é?

ELA (*surpreendida*): Achas? (*Pausa breve.*) Então, sou um bocado idiota. Ou pessimista, simplesmente. (*Pausa breve.*) Sabes, o problema é que não acredito na existência de alternativas melhores. (*Ambos evitamos olhar o outro, incomodados.*) Alternativas existem sempre, às centenas e aos milhares, o que mais temos é possibilidades de escolha, opções. Mas, pergunto-me, serão essas alternativas melhores? Acho que não.

EU (*subitamente irritado*): Estás enganada.

ELA (*correspondendo à irritação*): Então estou enganada; e tu estás certo. Parabéns.

(*Olhamo-nos e sorrimos, juntos. Permanecemos em silêncio durante muito tempo.*)

ELA: É como te digo. Não o amo, acho que não. Sei lá eu o que é amar. (*Pausa breve.*) Aquela coisa da paixão e assim, aquilo que se sente no princípio, sabes? Arrepios e volúpias e desesperos, aquele brutal e

desconcertante conforto que se sente quando os olhares se cruzam, a indiferença face ao mundo e ao futuro e a tudo; isso já não sinto, há muito. *(Pausa breve.)* Estou cansada. É só isso. *(Olha-me, com desafio.)* Às vezes, canso-me de o ouvir rir e falar e respirar, mas depois, logo a seguir, cansa-me o seu silêncio, a sua ausência. Canso-me do seu toque e da maneira como me beija e acaricia e tenta excitar, do seu cheiro e da forma como me olha quando quer sexo; mas também me canso da sua indiferença, quando está deitado na cama a ler e eu com vontade de qualquer coisa, não importa o quê, e ele não percebe, ou finge que não percebe. Canso-me da sua atenção meticulosa, da precisão com que adivinha os meus pensamentos e antecipa os meus desejos; ou canso-me do modo como, por vezes, em certos assuntos, tenho de me exprimir claramente, verbalizar palavra a palavra, explicar. Canso-me de acordar dia após dia e vê-lo ali todas as manhãs, sempre igual; mas também me canso de estar sozinha na cama, quando ele tem insónias e passa a noite na varanda a pensar não faço ideia em quê. *(Abana a cabeça, subitamente desamparada.)* Percebes?

EU *(encolhendo os ombros)*: Qualquer pessoa percebe isso. Qualquer pessoa passa por isso.

ELA *(com um sorriso desagradável, magoado)*: É, eu sei que sou uma pessoa banal.

(Permanecemos em silêncio, desconfortáveis. Perfeitamente incapazes de adivinhar os pensamentos do outro; talvez, até, um pouco desinteressados dos pensamentos do outro.)

ELA *(com uma inesperada veemência)*: E com o miúdo é o mesmo. Com toda a gente, com os amigos, com a família, com as pessoas de quem gosto; de repente, canso-me e não suporto ninguém, exaspero-me com o som das suas vozes, com a bonomia dos seus sorrisos. Depois, passa. Tudo passa, tudo muda; tudo volta ao

mesmo. (*Pausa breve.*) Mas com o garoto é pior. É tão terrível dizer isto mas, por vezes, cansa-me tanto. Aquela exigência permanente, a dependência. É um sufoco, sabes? Uma presença constante e contínua, verdadeiramente limitadora. (*Pausa breve.*) Mas depois, quando estou sozinha, quando finalmente conquisto aquele pedacinho de liberdade e de solidão e de espaço por que tanto ansiei, passa-se qualquer coisa esquisita e, de repente, já não me apetece. Não me apetece, simplesmente. Sinto saudades dele e uma ansiedade um bocado doentia, também a consciência pesada. Não sei. É estranho, não é?

(Encolho os ombros, sem saber que responder, como reagir; mas ela não me olha, é-lhe indiferente a minha reacção; talvez, até, a minha presença.)

ELA (*num tom quase sonhador*): E no trabalho, nem imaginas como é. Uma representação constante, uma exasperação constante. (*Pausa breve.*) Rir sem vontade; acenar com a cabeça, dizer que sim; condescender e adiar. Fingir. Gastar tempo; preenchê-lo. (*Pausa breve.*) Um sentimento de urgência permanente. Vontade de fugir, de estar noutra sítio.

EU (*forçando-me a falar, conhecendo perfeitamente a resposta; forçando-a a lembrar-se de mim, da minha presença*): Onde?

ELA (*rindo*): Onde? Se soubesse... Nunca sabemos, não é? Limitamo-nos a desejar, estamos sempre prisioneiros de um desejo qualquer; e, por vezes, até vamos atrás dele, perseguimo-lo perseverantemente; mas chegamos lá e não é nada daquilo, encontramos apenas uma decepção. Ou até é aquilo que queríamos, que

procurávamos; mas, no fundo, é irrelevante. Porque começamos logo a desejar outra coisa qualquer. *(Subitamente séria, irritada.)* Foda-se, estou farta desta conversa.

(Procuro o seu olhar, sorrio-lhe; não corresponde.)

EU *(num tom atencioso, talvez subserviente)*: Como é que tem corrido com o psiquiatra?

(ELA olha-me com curiosidade e atenção, quase com carinho. Sorri levemente. Abana a cabeça.)

ELA *(num tom afectuoso)*: Não percebes, pois não?

EU *(irritado)*: Não percebo o quê?

ELA *(num tom subitamente triste e distante, decepcionado)*: Eu não estou com nenhuma depressão. *(Pausa breve.)* Achas que estou deprimida?

EU *(irritado, incapaz de responder afirmativamente)*: Então que vais fazer ao psiquiatra? Para que é a medicação?

ELA *(abanando a cabeça durante demasiado tempo)*: Só tomei os comprimidos durante uns dois meses ou nem isso. *(Pausa breve.)* Sabes o que faço no psiquiatra? Invento estórias.

EU *(rindo, contrariado)*: Estórias?

ELA (*sorrindo*): Estórias, tudo o que me passa pela cabeça. Fantasias. Falo de coisas que leio nas revistas femininas, que vejo na televisão. Tretas. (*Rindo.*) E o palerma engole tudo, enquanto vai acenando com a cabeça. Ou finge que engole, o que vai dar ao mesmo.

(Olho-a com atenção, tentando decifrar o sentido das suas palavras, o significado do seu comportamento. O seu rosto parece-me, agora, um pouco mais sereno.)

ELA: Continuo a ir porque é suposto ir; é suposto estar deprimida. (*Ri.*) É suposto estarmos todos deprimidos, não é? Basta estarmos um bocadinho tristes e não nos apetecer disfarçá-lo ou andarmos mais ansiosos do que é normal ou admitirmos que estamos sem grande paciência para aturar a sogra e aquela vizinha mais conversadora e os apresentadores dos telejornais ou passarmos três noites seguidas a acordar demasiado cedo ou queixarmo-nos ingenuamente que os dias parecem todos iguais e um bocado repetitivos ou não nos apetecer fazer sexo porque afinal é normal que não apeteça todos os dias ou comermos demasiado e sem grande preocupação pela dieta ou recusarmos ir na conversa dos médicos e não fazermos as montanhas de exercício que recomendam ou não andarmos histericamente excitados com a viagem das próximas férias e vem logo o veredicto, firme e inapelável. Depressão. (*Pausa breve. Não me olha; vejo como acaricia distraidamente o seu braço; nunca reparara como os seus dedos são belos e elegantes, sensuais; e fico a espreitá-los, atento ao seu movimento.*) Logo a seguir, impingem-te a receita. E uma semana depois, perguntam se os temos tomado e quando admitimos que sim, confessam, um pouco envergonhados, um pouco aliviados: bem me parecia, que agora tens andado muito melhor. (*Sorrindo.*) Mas não é mau, percebes? Porque passa a haver aquele respeitinho muito agradável. Passas a ter uma desculpa, existe uma explicação. (*Ri.*) Ai, não a chateies que ela está deprimida; dá-lhe espaço. Não exijas demasiado dela, coitada.

EU (*sentindo-me um pouco idiota*): E tu alimentas a comédia.

ELA: Claro que sim. (*Pausa breve.*) Há aquele cansaço de tudo, de que te falava há bocado; aquela espécie de enjoo constante; enfado existencial, como diz o psiquiatra. Uma certa incapacidade de ser feliz ou, pelo menos, de não estar permanentemente infeliz. Mas existindo a desculpa da depressão, o teu comportamento passa a ser aceite como normal e legítimo; surge de imediato um certo respeito pelo teu espaço, pela tua especificidade, pela tua suposta fragilidade; um cuidado um pouco atemorizado em lidar contigo. Como se estar deprimido fosse uma legitimação. (*Pausa breve.*) Percebes? (*Ri.*) Tem piada, não tem?

EU (*subitamente irritado com a sua condescendência*): Mas já te perguntaste se não estarás realmente deprimida? (*Pausa breve.*) Não estarás a tentar enganar-te a ti própria?

(Ela olha-me, surpreendida; o seu sorriso desvanece muito lentamente, até desaparecer por completo. Permanecemos distantes e rígidos durante muito tempo. Aguardo a sua reacção mas depois percebo que não virá. Então, tomo súbita consciência de como estamos afastados, da imensidão de tempo que passou desde a última vez que nos tocámos. Sinto-me desconfortável, incomodado; culpado, talvez. E num gesto impulsivo aproximo-me dela, com alguma brusquidão. A cama range, desagradavelmente. Mas o seu corpo, quando tocado pelo meu, não reage, não se afasta; e isso incentiva-me. Beijo-lhe o ombro, depois o pescoço, com ternura, ainda sem sofreguidão. E sinto o seu corpo ceder, abandonar-se. Respiro o seu cheiro, simultaneamente familiar e misterioso. Acaricio-lhe o rosto, o cabelo. Deito-me sobre o seu peito e escuto a sua respiração lenta. Tento não pensar na nossa conversa. Durante um momento, fico atento aos ruídos do hotel, ao corredor, ao quarto de cima. Pergunto-me que horas serão. Tento recordar o princípio da conversa, como

começou; talvez tenha sido eu a provocá-la, tentando forçar alguma intimidade. E recrimino-me, por não me limitar a foder. Volto a pensar nas horas, no que tenho para fazer. Então, aproximo a boca do seu mamilo e beijo-o, com preguiça. Sinto o seu corpo reagir, quando sente a humidade da minha língua; depois, ouço um suspiro; apenas um, breve e suave. Não consigo decidir se denuncia contrariedade ou satisfação; talvez cansaço, apenas. Insisto no beijo, ainda sentindo algum prazer mas também, já, algum aborrecimento; vou insistindo, no entanto.)

Fim



Paulo Kellerman nasceu em Leiria (1974).

Publicou, entre 1999 e 2005, diversas antologias de contos (em edição de autor) e a colectânea de micro-narrativas *Miniaturas* (Colibri, 2001).

Silêncios entre nós (2008) é o terceiro livro que publica na Deriva, depois de *Gastar Palavras* (2005) e *Os Mundos Separados que Partilhamos* (2007).

A sua obra foi por diversas vezes distinguida, destacando-se o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, atribuído pela APE a *Gastar Palavras*.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt